



COPA DO MUNDO 2002: MÍDIA ESPORTIVA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Wellington Araújo Silva¹

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

A prática pedagógica do professor de educação física conta hoje com algumas orientações provenientes de trabalhos realizados por diferentes pesquisadores que têm como preocupação aglutinadora a legitimação do seu processo frente às outras disciplinas escolares.

No que pese esta mesma produção ficar restrita em muitos dos seus momentos a uma pequena parcela de professores/pesquisadores, o fato é que ela já nos dá um embasamento teórico prático que nos possibilita uma construção metodológica fundamentada que se proponha a trabalhar os diferentes segmentos da cultura corporal: jogo, dança, esporte, ginástica entre outros.

Embora estes elementos da cultura, considerados aqui como conteúdos da educação física sejam múltiplos, o que observamos por parte dos professores de educação física é uma predileção pelo esporte, tornando-se o mesmo significativamente presente no interior das escolas públicas e privadas.

Na escola onde realizamos a pesquisa, isto é mais do que notório; pois as unidades, em número de quatro, são assim divididas: primeira unidade: handebol; segunda, basquete; terceira, voleibol; e quarta unidade: futsal. Segundo os professores entrevistados, que contam em média com quinze anos de docência, este critério de divisão já ocorre há um bom tempo, não tendo por que mudar, já que está dando certo. O máximo que pode ocorrer é uma modificação da modalidade esportiva por unidade, passando o handebol a configurar na quarta unidade e o futsal na primeira, por exemplo.

¹ Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana/Bahia.
Mestre em Engenharia de Produção/Mídia e conhecimento
pela Universidade Federal de Santa Catarina.

A afirmação do PROFESSOR “A”² quando perguntado sobre o planejamento de aula, dá-nos uma exata idéia desta configuração: “Nós trabalhamos 1ª unidade com handebol, 2ª com basquete, 3ª vôlei, 4ª futsal não necessariamente nesta ordem, né? Mas há muito tempo tá se trabalhando nesta ordem e nós damos nossas aulas de iniciação esportiva, na prática, é dentro deste planejamento”.

Não só na iniciação esportiva (a escola pesquisada mantém escolinhas de esportes independente das aulas de educação física) esta lógica é seguida: ela se estende para a prática pedagógica dos professores de educação física – alguns deles, inclusive, exercem ambas as funções: ensinam tanto na escolinha, quanto na educação física.

Um fato importante a ser observado sobre estas funções paralelas exercidas por alguns professores, diz respeito à própria prática pedagógica, que não difere em nenhum dos momentos. Ambas são pautadas nos aspectos técnicos (estes mais presente nas séries iniciais 5ª e 6ª) e táticos (mais presentes na 7ª e 8ª), reduzindo em seus diferentes momentos o saber esportivo “à técnica de movimentos padronizados, às regras esportivas oficiais e às táticas de jogo”, exigindo do professor “uma performance e uma habilidade que mais se aproxima de um técnico esportivo”. (WURDIG, 1999, p. 636).

O processo de organização do fazer pedagógico do professor de educação física assume, neste contexto, um executar prático destituído de um saber teórico, consubstanciando uma prática pedagógica dicotômica e fragmentada.

Freitas, citado por Carvalho (1999, p. 194) nos lembra que “o processo de organização do trabalho dos professores na escola, deve objetivar a articulação teoria e prática, no sentido de unidade, como dois componentes indissolúveis da práxis” que, parra Vasquez (1997, p. 241) representa a “atividade teórico-prática, ou seja, tem um lado ideal, teórico, e um lado material, propriamente prático, com a particularidade de que só artificialmente, por um processo de abstração, podemos separar, isolar um do outro (...)”.

Se não é possível uma prática sem teoria (a não ser na nossa capacidade de abstração) e já que qualquer ação contém um germe de intenção presente na mesma, podemos considerar que toda prática atende não só a uma fundamentação teórica como também, na sua materialidade, reforça o projeto de mundo, de sociedade presente nesta teoria que, de forma

² No lugar dos nomes dos dois professores que foram entrevistados, serão utilizadas as letras “A” e “B” do nosso alfabeto.



“inconsciente”, materializamos no nosso fazer pedagógico, na nossa proposta de ensino dos conteúdos.

A práxis, portanto, fica caracterizada como um fortalecimento e ampliação das leis que regem a sociedade contemporânea – e que se fundamentam em sólidas teorias – e resumidas a satisfação imediata do aprendizado necessário à prática de uma modalidade esportiva, seja o voleibol, o handebol, o basquetebol ou outros.

Com essa simplificação, os educadores no exercício de sua função não se constituem em instrumentos de elevação do grau de consciência do ser humano comum sobre a realidade, e sim em instrumento de consagração do chamado ‘senso comum’. Senso comum que apresenta sérios limites, como orientação da ação humana transformadora do real, por conter e expressar uma somatória, de aspectos positivos e negativos confundidos, produzida na consciência do ser humano pelas múltiplas influências recebidas, *mecanicamente*, desta realidade na qual é formado e sobre a qual exerce influência prática. (RIBEIRO, 2001, p. 07).

A prática se traduz, ano após ano, em atividades sem sentido/significado além do que se propõe – que é o ensino dos aspectos técnicos esportivos – e isto, embora as aulas para cada turma aconteçam apenas uma vez na semana, os professores fazem muito bem, apesar das metodologias observadas serem repetitivas e desenvolvidas independente da série em que se está trabalhando, como pudemos notar em uma das nossas observações de campo.

Príííííí!!! Oito a cinco. É a voz do professor “B” que ecoa no ginásio 1. A aula começou às 09:20. Duas turmas da 6ª série jogam no momento, seis de cada lado. A dinâmica da aula é a mesma observada anteriormente em uma turma da 7ª série. Acabei de fazer uma observação de uma aula da 7ª e vim observar uma da 6ª série e não noto nenhuma, absolutamente nenhuma diferença. No próximo ano, esses alunos que agora observo estarão na turma da 7ª série e, se nada mudar, na terceira unidade estarão praticando o voleibol dentro da mesma abordagem de hoje, dos mesmos critérios que observo agora. Os alunos jogam e o professor apita as infrações diversas. Isso vai durar até ao final da aula. Até lá, as turmas que foram subdivididas vão se revezar até que o professor, com um silvo longo e breve, anuncie o final da aula. Assim prosseguem as aulas de Educação Física.

Diante do exposto, cabe perguntar: qual a finalidade da ação pedagógica do professor? Qual a base de orientação que deve sustentar a organização do seu trabalho pedagógico visando a elevação do grau de consciência de que nos fala Ribeiro (2001)?



Com base em Freitas, citado por Carvalho (1999, p. 197), encontramos uma possível resposta:

A finalidade da organização do trabalho pedagógico deve ser a produção de conhecimento (não necessariamente original), por meio do trabalho com valor social (não do trabalho de faz-de-conta, artificial); a prática refletindo-se na forma de teoria que é devolvida à prática, num circuito indissociável e interminável de aprimoramento.

Não obstante, há um esforço por parte do corpo docente em legitimar a sua prática pedagógica através de atividades com a mídia esportiva, por exemplo, trazendo para o âmbito escolar os textos televisivos inerentes ao esporte que é visto na televisão.

Esse esforço de articulação de um tema da mídia esportiva com a prática pedagógica demonstra uma busca do coletivo em desenvolver atividades alternativas e de caráter mais prazeroso, buscando, em alguns momentos, aproximar-se da realidade que motiva o aluno.

Com base nessa compreensão, a inserção do tema “Copa do Mundo” surgiu sem problemas, motivando tanto professores como alunos e alunas da escola.

COPA DO MUNDO: TEXTO DA MÍDIA ESPORTIVA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

De quatro em quatro anos, o Brasil se transforma em um imenso estádio de futebol. As ruas das cidades são enfeitadas, bandeiras são pintadas no chão, novas receitas são preparadas pelos restaurantes fazendo alusão ao evento e, mesmo, quem durante os três anos e onze meses que antecedem à Copa do Mundo não se envolve nem um pouco com o futebol, se mobiliza como fanático ou fanática fosse.

A Copa do Mundo é um evento que mexe com a identidade dos brasileiros e lhes deixa verdadeiramente em transe. Durante todo o campeonato, vários são os rituais incorporados pelos anônimos torcedores em diferentes lugares do país, sendo o mais comum o ato de vestir a camisa da seleção brasileira. As peças publicitárias são modificadas em consequência do evento e as diferentes emissoras dedicam um tempo considerável com matérias relacionadas ao maior torneio de futebol do mundo.



Sensíveis aos apelos da mídia e reconhecendo a penetração que as mensagens da mesma têm nos alunos, os professores não tiveram dúvidas em flexibilizar os seus programas de ensino para tratar deste fenômeno mundial que é o futebol retratado em uma das suas competições mais significativas.

A Copa do Mundo mobiliza mais público (no local e através das transmissões esportivas pelo rádio e televisão), mais dinheiro e prestígio do que os Jogos Olímpicos, que reúnem mais de vinte modalidades esportivas em competições realizadas a cada quatro anos! É hoje, o futebol, sem sombra de dúvida, a manifestação cultural mais universal e acessível ao grande público. (MELO, 2000, p. 12).

Estima-se, inclusive, que mais de 2,5 bilhões de espectadores assistiram ao mundial da França, ocorrido em 1998. Diante desta força, não houve dúvidas por parte dos professores em tematizar as suas aulas abordando a Copa do Mundo, a única até o momento a se realizar, concomitantemente, em dois países distintos.

Nós estamos pensando em Copa do Mundo, estamos vivenciando Copa do Mundo, então nós vamos trabalhar Copa do Mundo e nessa unidade nós não estamos trabalhando futebol ou futsal. Estamos trabalhando outra modalidade esportiva, mas hoje o tema abordado é Copa do Mundo, então nós vamos trabalhar 5^a, 6^a e 7^a séries Copa do Mundo. (PROFESSOR “B”)

A partir de um (re)pensar das atividades pedagógicas, os professores, utilizando-se de sorteios, distribuíram os países em diferentes séries, ficando cada série responsável em realizar um trabalho sobre o país sorteado.

... cada série vai fazer um trabalho de acordo com aquele país. (...) uma quinta série trabalha o Brasil e as outras demais quintas trabalham o país que foi sorteado de acordo com a divisão que nós fizemos, pra não ficar com os mesmos países, (...) cada série vai trabalhar da melhor maneira que convém, ou seja, buscar tudo o que se refere em relação ao país: a viabilidade de participar da Copa do Mundo, se é interessante, se existe uma projeção, se tem algum retorno financeiro, se o país realmente está oferecendo condições para que os atletas participem, se aquelas seleções têm dado retorno, todos esses pontos de vista. (PROFESSOR “B”)

Todos esses elementos citados pelo professor B, acrescido de outros, conforme o roteiro distribuído por eles aos alunos, tais como: aspectos da qualidade de vida e saúde da população; jogadores e técnicos: destaques de cada país; número de participações e títulos conquistados; aspectos sociais, geográficos e políticos do país solicitado e vantagens e desvantagens dos países que sediam a Copa do Mundo de futebol; seriam trabalhados pelos alunos em forma de painel, onde os mesmos teriam os seus conteúdos apresentados oralmente pela equipe de alunos responsável por eles.

Infelizmente, esta apresentação oral não foi possível, pois a categoria de professores das escolas privadas entraram em greve: “... se não fosse essa greve (...) eles teriam que apresentar. Além de confeccionar o cartaz, eles teriam que chegar lá na frente e falar um pouquinho de onde consultou, (...) falar um pouquinho do país, mas não tá dando justamente por causa da greve...” (PROFESSOR “A”).

Ainda assim, mesmo com o tempo suprimido, os professores, ao retornarem as aulas, levaram adiante o planejamento que tinham feito sobre o trabalho com o texto televisivo Copa do Mundo, resumido na confecção dos cartazes.

Nessa atividade pudemos observar a participação ativa dos alunos que, na medida em que iam confeccionando os cartazes, conversavam entre si sobre o mesmo, interagindo na utilização de papel metro, cartolina, gravuras de revistas, lápis de cor, hidrocor, tesoura, pincel atômico, cola, dentre outros materiais disponíveis.

O professor, por sua vez, circulava entre as turmas, observando as confecções dos cartazes pelos alunos e solicitando que os mesmos não se esquecessem de assinar a lista de presença.

RANÇOS E AVANÇOS

Questionado sobre o destino que teriam aqueles cartazes, o professor “A” evidencia que os mesmos

vão ser reunidos aqui e todo ano nós temos a feira da ciência. Nós fazemos a correção dos cartazes e os mais interessantes, mais completos, mais bonitos, nós vamos expor eles na semana da ciência. Então eles vão ter a oportunidade de ver o trabalho que eles fizeram, mas só mesmo os que se

destacarem, porque são muitos e muitos até incompletos, são mal feitos, então os melhores mesmo a gente bota em exposição.

Conforme se compreende, embora o trabalho com um tema tão relevante represente um avanço no desenvolvimento das aulas de educação física, o depoimento do professor e os processos inerentes à própria prática pedagógica – representada na feitura dos cartazes pelos alunos – representa um ranço muito forte no âmbito da educação física.

Esse ranço se torna visível nas seguintes características: i) seleção dos melhores trabalhos; ii) diretividade excessiva do professor, tornando o seu papel bastante centralizador e iii) normatização e padronização também excessiva na confecção e na apresentação dos cartazes.

Sem mencionar o questionável processo de correção pelo qual passará o cartaz, que, pelo que parece, valerá muito mais para o seu aperfeiçoamento estético, tornando-o apto a ser exposto na feira de ciências da escola do que para o acréscimo no cabedal de conhecimento dos alunos sobre a Copa do Mundo e sobre o futebol brasileiro.

Ainda sobre os cartazes, pode-se dizer que o fato dos mesmos não terem sido apresentados por conta da greve explica, mas não justifica. Se a apresentação fazia parte do processo, por que não fazê-la em um outro momento? Quais implicações haveria para a escola e para a educação física o fato dos cartazes serem apresentados em um outro momento da aula? Os elementos presentes em um planejamento estão para atender apenas o cronograma escolar ou têm uma conotação – considerada mais importante – que é a de fazer com que o aluno aprenda algo sobre alguma coisa?

Um outro ponto importante a ser considerado é que em nenhum momento das aulas observadas que antecederam o trabalho com o painel e também as aulas subsequentes, foi feita menção sobre algum aspecto referente ao tema Copa do Mundo ou sobre qualquer outro texto veiculado pela mídia esportiva que tratasse do assunto. A única menção sobre o trabalho foi feita no sentido de explicar como os alunos deveriam trabalhar o roteiro, que é levado pelo professor à sala de aula e lido com os alunos, tal como explica o PROFESSOR “B”:

Nós vamos à sala de aula, nós levamos um roteiro, esse roteiro é exatamente como eles deverão trabalhar (...) ele define o que nós estamos tentando passar de informação pra eles. (...) esse trabalho é feito em sala de aula, conversado com eles. Eles lêem com o professor, procuram entender da



melhor forma possível, depois nós ficamos à disposição deles pra se houver necessidade de eles nos procurarem a fim de ter maiores informações. Após isso, é que nós vamos retornar à sala de aula com o grupo para realmente ver todo esse trabalho sendo exposto pelos alunos.

Nesses termos, o trabalho acaba tendo uma característica fragmentada e estanque no interior do processo pedagógico, perdendo muito do seu valor educacional e do sentido atribuído à finalidade da organização do trabalho pedagógico citado acima por Carvalho (1999).

Perde também, a oportunidade de potencializar os textos da mídia esportiva presentes na televisão e instigar o senso crítico frente às mensagens esportivas na medida em que não discutem o esporte em geral e a Copa do Mundo especificamente a partir deles, deixando “(...) de tomar a mídia e o discurso midiático sobre o esporte como conteúdo disciplinar” visando ao “(...) esclarecimento e à autonomia dos sujeitos” (BITENCOURT, 2001, p. 7) utilizando-se, inclusive, dos conflitos gerados a partir dos próprios textos esportivos veiculados pela televisão, textos esses que os alunos incorporam e levam para a escola como se fossem verdades absolutas.

Como a gente trabalha com Educação Física escolar, nós não trabalhamos muito dentro de regras, né? Principalmente de 5ª a 7ª série. Então a gente quer fazer um trabalho recreativo, quer fazer jogos e brincadeiras sem usar a regra e eles vendo a mídia, a televisão, eles querem tudo certinho, querem como fosse a regra do futsal. Tem que ser assim, a bola não pode passar...ele não entende que a gente tá fazendo de outra forma pra que seja mais lúdico, mais animador o jogo. Eles querem tudo dentro da regra porque eles estão vendo o certo pela televisão. Então isso aí é um pouco chato pra gente, esse veiculação da mídia. Também a violência, né? A violência nos esportes, principalmente nos campeonatos de futsal que tem aqui, eles vêem muito pela televisão, chegada dura, porrada, desonestidade...isso eles aprendem rapidinho. (PROFESSOR A).

Embora haja uma contradição entre o observado em aula e a parte inicial da fala do professor quando relata que na educação física escolar não se trabalha dentro da regra oficial (algo que, inclusive, defendemos que se deva trabalhar concomitante com outros elementos também relevantes), esse relato é extremamente rico na medida que o mesmo evidencia a influência dos textos televisivos sobre os alunos, uma influência que denota, mais uma vez,

que as linguagens midiáticas circulam na escola, estão presentes nas aulas através dos alunos e que esses incorporam de alguma forma esta linguagem, inclusive na comparação sobre o que quer o professor e o que o aluno quer fazer a partir do que ele já conhece pela TV.

Para Citelli (1994, p. 21), “em uma sala de aula [ou em uma quadra de aula, acrescentamos] estão presentes muito mais do que os já conhecidos ‘materiais didáticos’. Os alunos trazem outros materiais, entre eles, os meios de comunicação de massa”.

Baccega (2002, p. 10) enfatiza a importância dada pelos alunos ao que se aprende através da televisão. Segundo a autora, “o que se aprende na televisão tem sido cada vez mais importante, para crianças e jovens, do que aquilo que se aprende na escola, uma vez que as fontes de aprendizagem se multiplicam cada vez mais na televisão e mantêm-se restritas no âmbito escolar”.

Ainda na esteira deste raciocínio, Orózco Gómez (2001, p. 79-80) ajuda a identificar que

Agora, a última imagem está na tela e a última palavra a têm os sujeitos-audiência e seus olhos: ‘se vejo na televisão, eu creio, é verídico, se não o vejo, posso duvidar e desconfiar’. A visão, então, converte-se em legitimadora daquilo que passa por ela, sem importar se é verídico, valioso, inteligível, estruturado ou simplesmente banal, falso, manipulador ou enviesado enquanto produto necessariamente de representações. A partir da implantação da televisão, os sujeitos educandos questionam o professor, questionam seus saberes enciclopédicos esvaziados de significados, frente à proliferação da significação representacional e multicolorida do televisivo.

No caso específico relatado pelo professor, o saber que se queria proliferar era um saber novo, não enciclopédico, fora dos padrões trabalhados pela escola, mas ainda assim foi questionado pelo aluno quando o mesmo comparou ao que via pela TV. Se o padrão era diferente do que geralmente se trabalha na escola, ele também o era em relação ao que se via na TV.

O debate estava pronto para ser travado pelo professor e seus alunos. Mas fica evidente na fala do professor que o apelo do aluno era muito mais forte, ficando o professor, portanto, submisso ao sujeito-audiência representado pelo aluno e, em última instância, refém do que os textos televisivos via mídia esportiva apresentam como certo, desconhecendo que os meios estão aí para servir ao homem e não o contrário.



Um outro ponto importante evidenciado na fala do professor diz respeito a um tema essencial na contemporaneidade e que a todo instante está presente no noticiário nacional das grandes redes – inclusive nos noticiários esportivos – e que poderia estar sendo abordado nas aulas: a violência. Inclusive utilizando as próprias imagens televisivas que podem ser gravadas em vídeo para serem posteriormente utilizadas como material pedagógico.

O tema violência não se resume apenas aos gestos de luta corporal como as que geralmente são assistidas pela televisão e que são protagonizadas pelos jogadores e torcedores; mas a todo e qualquer ato que caracterize alguma forma de violência: suborno entre dirigentes e árbitros, doping, treinamento excessivo dos atletas, entre outros.

Voltando às atividades de construção dos cartazes, embora o roteiro apresentasse diferentes elementos que deveriam ser considerados, como já exposto acima, os elementos que mais apareciam como ilustração dos mesmos diziam respeito aos aspectos técnicos e táticos da seleção sorteada. O nome dos jogadores, a escalação oficial, posições que ocupavam cada jogador selecionado, seus times de origem, forma tática da seleção, a estrela do time, o nome do técnico, quantidade de vezes que determinado jogador participou de outras Copas, número de títulos conquistados e, em alguns casos, todo o aparato tecnológico utilizado pela seleção nos treinamentos, bem como na confecção das camisas e chuteiras que, em tese, tinham características que possibilitavam a otimização e o rendimento de cada jogador.

Entendemos que isto se deva pela própria compreensão por parte dos alunos e alunas sobre os elementos que seriam considerados pelo professor no seu processo de avaliação dos cartazes. Se nas aulas de educação física são esses os elementos que constantemente são apresentados, não poderia ser diferente neste trabalho específico sobre a Copa do Mundo. O aluno apenas evidenciou aquilo que, na sua compreensão, era significativo para o professor.

FIM DO JOGO

Considerando que no processo de sua formação, os professores não tiveram acesso às experiências pedagógicas que os capacitassem a utilizar os recursos da mídia esportiva em suas aulas no interior da escola, sugerimos que nos cursos de especialização estes elementos



estejam presentes para que os professores tenham em mãos mais um suporte de enriquecimento do seu ato pedagógico, o qual potencialize a discussão crítica sobre o esporte e a cultura de movimento como um todo.

Como esperamos ter evidenciado, a mídia esportiva – via Copa do Mundo³ - tem um rico acervo de possibilidades temáticas, que podem ser trabalhadas, desde os aspectos técnico-estruturais até os sócio-culturais. A riqueza de sentidos e de significados expressos nesse evento de proporções mundiais, não deve apenas ser incorporada pelas escolas como mais uma atividade onde os aspectos técnicos sejam considerados. Deve-se fazer da escola um espaço de aprendizagem do fenômeno esportivo na sua totalidade, estabelecendo uma prática pedagógica que favoreça a fruição, mas também uma leitura crítica do mesmo.

Aspectos como a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do futebol, a interferência de patrocinadores na escalação da seleção e o monopólio de transmissão da Copa do Mundo pela Rede Globo, por exemplo, poderiam ser trabalhados tanto antes como durante e depois do torneio, visando o esclarecimento aos alunos sobre este fenômeno cultural que é o futebol, tornando a mídia esportiva um elemento potencializador do trato pedagógico da educação física escolar.

³ Evidenciamos a Copa do Mundo apenas por este trabalho discutir em particular este fenômeno cultural. Entendemos que a mídia esportiva deva ser tematizada através de diferentes textos midiáticos.



Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão e educação: a escola e o livro.** Educação & Comunicação, São Paulo, ano 8, n. 24, p. 7-14, maio/ago. 2002.

BITENCOURT, F. G. O campo esportivo e a mídia: a educação física em silêncio. *In: XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.* 21 a 26 de outubro de 2001. Caxambu. **Anais...** Caxambú, MG: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

CARVALHO, A. C. D. A organização do trabalho pedagógico e a produção de conhecimento em busca da real articulação teoria-prática. *In: XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.* V. 21, n. 1, setembro de 1999. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999. p. 193-200.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento.** São Paulo: Editora SENAC, 1994.

MELO, V. A. de. Futebol: que história é essa? *In* CARRANO, P. C. R. (Org.) **Futebol: paixão e política.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Televisión, audiências y educación.** *In:* TELEVISION. México: Grupo Editorial Norma, 2001. p. 66-80.

RIBEIRO, M. L. S. **Educação escolar: que prática é essa?** Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

VASQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis.** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

WURDIG, R. C. Dos bancos universitários aos pátios escolares: da formação inicial à prática pedagógica dos professores de educação física. *In: XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.* V. 21, n. 1, setembro de 1999. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999. p. 632-638.

Endereço:

Wellington Araújo Silva
Rua Miguel Gustavo, 476
Edf. Âmbar, apto. 101
Brotas – Salvador – Ba
CEP: 40.285-010
e-mail: welington@uefs.br
welingtonaraujo@uol.com.br